

Pausânias: um periegeta na Segunda Sofística?*

Pausanias: a perieget in the Second Sophistic?

Arhão Henrique Ramos da Silva**

Resumo: A *Descrição da Grécia*, escrita por Pausânias, no século II, é uma obra composta por dez livros que detalham as regiões da Grécia continental, combinando descrições geográficas, históricas e culturais. O autor enfatiza monumentos, rituais religiosos e tradições locais, além de relatar conflitos e eventos políticos, como a dominação romana. O artigo analisa essa obra dentro do contexto da Segunda Sofística, destacando seu caráter arcaizante e sua relação com a memória cultural e a identidade grega, conforme discutido por Bommas (2011) e Alcock (1996). Argumenta-se que a *Descrição da Grécia* responde à provincianização da Grécia, após 146 a.C., refletindo tanto um idealizado passado glorioso quanto a adaptação ao domínio romano. Enquanto Porter (2001) e Pretzler (2007) ressaltam seu caráter performático e informativo, Habicht (1998) critica a superficialidade intelectual do período. Já Anderson (1993) e Whitmarsh (2005) enfatizam a construção da identidade grega sob Roma. O estudo também relaciona Pausânias aos sofistas, como Polemon e Élio Aristides, demonstrando como sua obra se insere em um contexto político e cultural híbrido, no qual a retórica e a erudição sustentavam tanto o entretenimento quanto a afirmação da identidade grega, ressaltando o efervescente panorama intelectual do período.

Abstract: The *Description of Greece*, written by Pausanias in the 2nd century AD, is a work composed of ten Books that detail the regions of continental Greece, combining geographical, historical and cultural descriptions. The author emphasizes monuments, religious rituals and local traditions, in addition to reporting conflicts and political events, such as Roman domination. The article analyzes this work within the context of the Second Sophistic, highlighting its archaizing character and its relationship with cultural memory and Greek identity, as discussed by Bommas (2011) and Alcock (1996). It is argued that the *Description of Greece* responds to the provincialization of Greece after 146 BC, reflecting both an idealized glorious past and the adaptation to Roman rule. While Porter (2001) and Pretzler (2007) emphasize its performative and informative character, Habicht (1998) criticizes the intellectual superficiality of the period. Anderson (1993) and Whitmarsh (2005) emphasize the construction of Greek identity under Rome. The study also relates Pausanias to sophists such as Polemus and Aelius Aristides, demonstrating how his work is inserted in a hybrid political and cultural context, where rhetoric and erudition supported both entertainment and the affirmation of Greek identity, highlighting the effervescent intellectual panorama of the period.

Palavras-chave:

Pausânias;
Descrição da
Grécia;
Segunda Sofística.

Keywords:

Pausanias;
Description of
Greece;
Second Sophistic.

Recebido em: 06/03/2025
Aprovado em: 07/05/2025

* Este artigo é parte de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada *O que os deuses revelam os deuses recordam: a evocação da memória cultural grega a partir do motivo oracular e da temática divinatória na 'Descrição da Grécia' de Pausânias*, defendida em 2023. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/69118>>. Acesso em: 22 fev. 2025.

** Doutorando em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre em História, bacharel e licenciado em História pela mesma instituição.

Introdução

A *Descrição da Grécia* (*Periēgēsis tēs Hellados*) é uma obra atribuída a Pausânias, datada do século II, composta por dez livros que detalham diversas regiões da Grécia continental. Cada um desses livros corresponde a uma localidade específica: Livro I – Ática; Livro II – Corinto; Livro III – Lacônia; Livro IV – Messênia; Livro V – Élis I; Livro VI – Élis II; Livro VII – Acaia; Livro VIII – Arcádia; Livro IX – Beócia; e Livro X – Fócida e Lócrida Ozoliana.

Além de registrar as características geográficas das áreas visitadas, a obra apresenta uma narrativa histórica e descritiva que abrange desde os mitos fundadores de cada região até os acontecimentos contemporâneos ao autor, no século II. Pausânias demonstra um interesse particular por monumentos, como estátuas, templos e relíquias, além de descrever rituais religiosos e tradições locais. Também realiza digressões sobre episódios históricos e sobre a relevância política de cada região, abordando conflitos internos e externos, como as Guerras Médicas, os confrontos contra os gálatas (celtas) e a dominação romana sobre a Grécia, por exemplo.

Este artigo busca compreender de que modo a *Descrição da Grécia*, atribuída a Pausânias, dialoga com o seu contexto de produção (século II), ambientado pelo *ethos* da Segunda Sofística em meio à dominação romana sobre a Grécia. Primeiramente, discutiremos características da obra relacionando-a ao conceito de memória cultural e identidade, permeada por uma evocação de um passado idealizado da Grécia, inserida em um movimento arcaizante, próprio do período. Discutiremos que, em tal contexto, há um efervescente panorama intelectual em diálogo entre a retórica e a filosofia, em detrimento de visões que o consideram um período de pobreza intelectual e recusa às ideias novas.

Entre as noções de memória cultural e identidade

[...] Os mantineios afirmam que o próprio Posídon também se manifestou em defesa deles, e por esta razão construíram um monumento como uma oferenda ao deus. Que os deuses estiveram presentes nas guerras e massacraram homens, foi dito pelos poetas que trataram a respeito dos sofrimentos dos heróis em Troia, e os atenienses relatam em suas canções como os deuses estiveram ao lado deles em Maratona e na batalha de Salamina. Muito claramente a horda dos gauleses foi destruída em Delfos pelo deus,¹ e manifestadamente pelos *daimones*. Logo, há precedente na história dos mantineios de que eles ganharam a vitória pelo auxílio de Posídon (Pausanias, *Graeciae description*, VIII, 10, 8-9).

¹ Neste caso, o deus Apolo, a quem pertencia o principal oráculo dos gregos, o oráculo de Delfos.

O excerto faz parte do Livro VIII, da *Descrição da Grécia*, e diz respeito à cidade de Mantineia, na região da Arcádia, pertencente ao Peloponeso. Ao se deparar com um monumento de pedra celebrando uma vitória dos mantineios contra os lacedemônios, Pausânias (*Desc. Gréc.*, VIII, 10, 8-9) inicia uma breve narrativa da batalha, afirmando que os lacedemônios caíram junto com o rei Ágis, filho de Eudâmidas.²

Na passagem, pode-se destacar alguns elementos importantes presentes na obra que irão ilustrar a presente discussão. Pausânias considera a alegação dos mantineios de terem sido vitoriosos contra os lacedemônios, por conta da ajuda de Posídon na batalha, como verossímil, por conta de uma tradição própria da cultura grega mediante a qual batalhas e guerras são vencidas por gregos com o auxílio dos deuses, desde o ciclo épico troiano. Ou seja, como os deuses lutaram ao lado dos gregos, tanto em Troia, quanto em Maratona, Salamina e Delfos, logo a alegação dos mantineios dizendo que Posídon lutou ao lado deles contra os lacedemônios é plausível.

Existe uma sobreposição de diversas temporalidades, as quais – apesar do exemplo de Pausânias tratar de um conflito e rivalidade entre duas cidades gregas específicas (Mantineia e Esparta) – evocam memórias ligadas às batalhas envolvendo a Grécia contra inimigos e causas em comum.

A referência temporal mais remota, mas que dá o sentido de uma identidade grega, é a da guerra de Troia. A próxima referência temporal é ligada ao período clássico – a batalha de Maratona (490 a.C.) e Salamina (480 a.C.) contra os Persas. Com isso, Pausânias cita a batalha de Delfos contra os gauleses (c. 279 a.C.), para enfim fazer a comparação com o relato da batalha de Mantineia contra Esparta (c. 241 a.C.), ambas no período helenístico. É importante lembrar que o texto da *Descrição da Grécia* foi escrito cerca de quatro séculos depois, entre 175-180. (Habicht, 1998, p. 10).

Podemos comparar os elementos contidos no excerto acima com a passagem na qual Pausânias se depara com o muro ao sul da acrópole de Atenas, no Livro I, sobre a região da Ática. Nele, há esculturas dedicadas por Átalo I, rei de Pérgamo (269 a.C. – 197 a.C.):

Na direção do muro ao sul estão representados os Gigantes, os quais estavam nas proximidades da Trácia e no istmo de Palene; a batalha dos atenienses contra as Amazonas, contra os persas em Maratona; e contra os gauleses em Mísia. Cada uma tem cerca de dois cúbitos, e foram todas dedicadas por Átalo [...] (Paus., *Descr.*, I, 25, 2).

Também no Livro I, Pausânias inicia uma digressão a respeito dos gauleses (Paus., *Desc. Gréc.*, I, 4, 4). O autor narra que os habitantes de Pérgamo, outrora chamada de

² Possivelmente rei Ágis IV (265 a.C. - 241 a.C.) e Eudâmidas II (275 a.C. - 245 a.C.).

Teutrânia, expulsaram os gauleses para o mar (Paus., *Descr.*, I, 4, 5). Antes de encerrar sua digressão, afirma que uma de suas notáveis conquistas foi a expulsão dos gauleses da costa da Ásia (Paus., *Descr.*, I, 4, 6).

Nota-se que Pausânias colocou em evidência a identidade e a tradição gregas a partir de uma evocação de memórias de batalhas envolvendo os gregos. De modo bastante similar à nossa epígrafe, sua descrição das representações no muro enfatiza os conflitos ocorridos entre gregos e estrangeiros (bárbaros), ao lado de tradições, para nós, apenas míticas – considerando que o mito é um discurso (*lógos*) importante naquele contexto e a concepção diferente da nossa – que criam identidades a partir das representações das vitórias da cultura grega da *polis* contra representantes de um mundo selvagem. Persas e gauleses parecem estar no mesmo nicho dos gigantes derrotados pelos deuses do Olimpo e das amazonas derrotadas pelos atenienses.

O fio condutor das temporalidades parece levar a uma noção fundamental presente no texto, que nos leva diretamente ao encontro da noção de tradição e de identidade, e que nos possibilita dialogar com a História Antiga e suas mais variadas fontes: a memória cultural.

Editada por Martin Bommas (2011), a série *Cultural Memory and Identity in Ancient Societies* trata a respeito de discussões e abordagens envolvendo estudos sobre a Antiguidade em relação ao conceito de memória cultural no campo da História.³ Segundo o autor (Bommas, 2011), a memória cultural pode ser definida como um processo que articula a relação entre passado e presente, partindo da ideia de que a cultura – como conjunto de atitudes, valores e práticas compartilhados por um grupo – é construída e transmitida por meio de memórias. Diferentemente das abordagens coletivas ou individuais, a memória cultural emerge de eventos distantes que são padronizados quando uma sociedade os reconhece como parte de sua identidade. Esse fenômeno, intrinsecamente ligado ao presente, serve como ferramenta para analisar como sociedades antigas ressignificaram seu passado, selecionando eventos fundadores e transformando-os em narrativas consensuais. Ao investigá-la, busca-se compreender *como* e *o que* essas sociedades recordaram, de que modo essas memórias moldaram sua identidade e como foram utilizadas para edificar um “presente coletivo”, integrando experiências históricas, mitos e símbolos em uma estrutura cultural coesa e dinâmica (Bommas, 2011, p. vii-viii).

A partir do conceito de memória cultural, é possível compreender elementos fundamentais das fontes antigas, considerando a *Descrição da Grécia*, de Pausânias, não

³ Para um balanço bibliográfico a respeito do conceito de memória cultural inserido na historiografia, também indicado por Bommas, ver Casey (2000), Coleman (1992), Connerton (1989; 2006), Cubitt (2007), Smith (1999) e Weissberg (1999).

como uma simples recepção passiva dos meios de comunicação de sua época, mas como uma transformação criativa dos processos culturais relacionados ao seu próprio contexto histórico (Bommas, 2011, p. 4).

De acordo com o postulado por John Elsner (1992), no artigo intitulado *Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman World*, a obra *Descrição da Grécia*,

[...] que vem sendo lembrada como um guia turístico pedante e antiquário, pode ser interpretada para mostrar como gregos lidaram com o *fardo de um passado* distinto pesando em sua *identidade cultural*, com a situação política contemporânea da Grécia como uma província romana, e com o profundo senso do sagrado com o qual muito da cultura antiga estava imbuída (Elsner, 1992, p. 3, grifo nosso).

Ligada à noção de memória cultural, a consideração de Elsner (1992) é relevante por levar em conta todo o “peso” de memória da cultura grega, o que o autor chama de “fardo” (*burden*), até a conjuntura contemporânea à *Descrição da Grécia*, situada no período da dominação romana.

Ainda sobre o tema, vale a pena mencionar a noção apresentada por Alcock (1996) sobre a “identidade grega” em Pausânias. Por meio de uma espécie de jogo de palavras, a autora coloca em evidência a “orientação topográfica” da *Descrição da Grécia* como *Paisagens da Memória* (Alcock, 1996, p. 248). Veremos, então, como Alcock define tal noção, apresentada em duas etapas, conforme as duas palavras presentes no conceito. Primeiramente, *Paisagem*:

Paisagem é uma palavra difícil de definir, mas – no modo que estou usando aqui – transmite a natureza totalizante e construída do mundo narrado por Pausânias, implicando a geografia concebida a partir da perspectiva de um observador individual. Movendo-se através do espaço, Pausânias molda e adorna sua paisagem particular ao perceber e registrar certos elementos: ele cria o território completo que o leitor também viaja (Alcock, 1996, p. 249).

Em seguida Alcock (1996, p. 249) define a *Memória* inserida nesta perspectiva:

Memória problematiza a relação entre o passado e o presente, fornecendo a tela através da qual escolhas entre lembrança e esquecimento são feitas; longe de ser um processo automático, memória demanda uma constante e ativa tomada de decisões. Escolha de memória é um elemento essencial na autopercepção de qualquer grupo social, tornando-a (como Foucault e outros observaram) um lugar central para contestações políticas sobre o passado, e o poder e legitimidade que o passado pode oferecer.

Deste modo, podemos perceber como a proposta de Alcock (1996), em vez de anular ou até mesmo refutar as noções de memória cultural e tradição apresentadas, vai ao encontro delas tendo a *Descrição da Grécia* como ponto de partida. Tanto a *Paisagem*

quanto a *Memória*, de acordo com o postulado por Alcock (1996), são elementos constitutivos da espinha dorsal da obra de Pausânias.

Maria Pretzler (2007), em sua obra *Pausanias: Travel Writing in Ancient Greece*, aborda a importante questão presente na *Descrição da Grécia* a respeito da “liberdade” grega – como pudemos evidenciar na epígrafe desta seção – e o que podemos compreender como parte integrante da memória cultural. A partir do que Pretzler (2007, p. 78, grifo nosso) aponta como “realizações culturais”, Pausânias

[...] enfatiza cada vez mais aqueles eventos em que os gregos se uniram para defender sua liberdade contra ameaças externas (persas, macedônios, gauleses, romanos) ou de grandes potências gregas com intenções imperialistas, particularmente Esparta. Essas lutas por uma Grécia livre e unida se somam às histórias míticas [...]. A liberdade dos gregos e de suas cidades individuais torna-se uma característica definidora dos períodos que tornaram a Grécia grande e a transformou em um centro de *realizações culturais* que eram relevantes para todos os gregos instruídos, mesmo séculos após seu apogeu.

Vimos como Pausânias, por meio do conceito de memória cultural, citando Bommas (2011, p. viii), “recorda sobre eventos que modelaram a formação da identidade grega e como elas edificaram sobre memórias consentidas para criar um presente coletivo grego”. Agora, poderemos analisar a relação da memória cultural e a identidade grega com o contexto da Grécia romana e o movimento arcaizante da Segunda Sofística.

A Grécia romana e a Segunda Sofística

Discutimos, em um artigo anterior, sob o título *Pausânias, memória e o passado idealizado da Grécia sob o Império Romano (século II d.C.)* (2024b), que Pausânias, ao retratar a Grécia sob o domínio romano, resgata a memória cultural grega evocando um passado idealizado dos gregos. O período Antonino, contemporâneo a Pausânias, é tratado como uma “era de ouro”, com destaque para as artes e o meio intelectual permeado pelo movimento da Segunda Sofística. A *Descrição da Grécia* reflete o contexto de domínio romano, no qual Pausânias percorre e descreve um mundo que, embora grego em sua essência, já estava inserido na estrutura imperial romana. A partir de 168 a.C., os territórios gregos já caminhavam para o processo de provincianização, sob autoridade de Roma (Lefèvre, 2013, p. 303-305). As cidades gregas federadas também não conseguiam mais equiparar seus poderes e fazer frente ao Império Romano (Lefèvre, 2013, p. 340-341). É o fim do mundo helenístico e a derrota da Liga Aqueia, por Roma, em 146 a.C., o seu marco (Silva, 2024a, p. 8-9).

Utilizamos aqui o termo periegeta para tratar a respeito de Pausânias naquilo que foi discutido no nosso artigo *(Re)Encontrando Pausânias: uma investigação da ‘Descrição*

da Grécia' à luz da historiografia, de 2024. No texto, foi debatido sobre a trajetória tanto da obra quanto do autor no âmbito historiográfico, o qual buscou pleitear um panorama bibliográfico atualizado, com novas perspectivas e abordagens nos estudos sobre a Antiguidade Clássica. Defendemos que o gênero da obra é *periēgēsis*, termo relacionado ao verbo *periēgeisthai*, o qual pode ser compreendido como "conduzir" ou "mostrar ao redor" (Pretzler, 2007, p. 3), ou seja, dar ênfase ao caráter descritivo da obra, em detrimento de outras abordagens interpretativas sobre gêneros temáticos existentes na *Descrição da Grécia*, como história, geografia, topografia, guia de viagem e outros (Silva, 2024b).⁴

Com base na interação cultural entre os gregos e outros grupos sociais, Arnaldo Momigliano (1991), em sua obra *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*, discute a influência marcante e acelerada de Roma no Mediterrâneo, a partir de sua expansão, no século II a.C. O historiador argumenta que o domínio romano teve um impacto significativo sobre diversos povos da região, especialmente no campo das relações intelectuais. Ele destaca que, assim que Roma passou a exercer seu poder além da Península Itálica, sua influência sobre aqueles que tiveram contato com ela se consolidou de maneira rápida e intensa (Momigliano, 1991, p. 13).

Momigliano (1991) analisa como o conhecimento cultural grego, em vez de ser eliminado pelos conquistadores, foi absorvido e incorporado à cultura helenística. Segundo o autor, os romanos buscaram compreender os gregos, esforçando-se para aprender sua língua, adotando divindades gregas e adaptando sua própria constituição de forma que alguns gregos identificavam semelhanças com seus próprios modelos políticos. Dessa maneira, a influência grega não foi apagada, mas integrada ao contexto romano (Momigliano, 1991, p. 20). Nesse cenário, vale mencionar um dos importantes fenômenos identitários dos escritores gregos em torno da cultura grega, sob o Império Romano, que foi a chamada Segunda Sofística.

Uma importante discussão sobre a relação de Pausânias com o movimento da Segunda Sofística foi trazida à tona por James I. Porter (2001), em *Ideals and ruins: Pausanias, Longinus, and the Second Sophistic*. O autor realiza uma comparação entre o periegeta e Longino, versando a respeito da memória presente na *Descrição da Grécia*, como a evocação de um passado idealizado da Grécia, associado ao seu período de apogeu. Tal característica é uma marca do movimento arcaizante da Segunda Sofística, que apresenta um idealismo sobre o passado glorioso da Grécia. Os escritores gregos

⁴ Ver, por exemplo, Francisco (2017), Bowie (2001), Cherry (2001) e Elsner (2001).

do período imperial, frequentemente associados à Segunda Sofística, produziram guias sobre os grandes monumentos da Grécia, cada um adotando sua própria abordagem. Ao elaborar essas obras, eles não apenas registravam o patrimônio cultural grego, mas também compartilhavam e reforçavam um imaginário cultural característico desse contexto intelectual (Porter, 2001, p. 63).⁵ No tocante a Segunda Sofística, Porter (2001, p. 64) defende que

O que todos esses escritores compartilham é uma reverência pelo passado grego e a capacidade de viajar grandes distâncias no tempo e no espaço. Essas duas características estão intimamente ligadas. Existem, com certeza, diferenças importantes também, mas as semelhanças são impressionantes [...]. Os viajantes que descrevem o que veem [...] não têm localização fixa, [...] vivem em um presente que é fluido, não fixo, em parte porque viajar leva tempo e é deslocador. Seu olhar se divide em um aqui e um ali e, conseqüentemente, o de seus leitores. O projeto de Pausânias levou várias décadas para registro (c. 150-80 d.C.), e sua produção está intimamente ligada e praticamente "indexada" pelos sítios que ele visitou (ou assim ele faria seus leitores acreditarem).

Para além de Pausânias, podemos mencionar Longino e Dion Crisóstomo dentro do escopo acima descrito. Percebe-se que, para um escritor possuir a capacidade de viajar grandes distâncias, ele deveria, além de demonstrar erudição, ser abastado. Nesse contexto, Maria Pretzler (2007, p. 25) indica que "riqueza significava acesso à uma boa educação, e Pausânias era claramente um homem bem-educado com muitos interesses intelectuais e um conhecimento íntimo de uma grande variedade de obras literárias, resumindo, um *pepaideumenos*".⁶

Pretzler (2007, p. 25) segue em sua análise sobre a *paideia* na qual Pausânias se insere e aponta que "seus contemporâneos gregos compartilhavam um ideal de *paideia*, uma palavra que geralmente é traduzida como 'educação', embora implique mais, ou seja, um senso de cultura helênica instruído pela aprendizagem e envolvimento ativo em atividades intelectuais". Pausânias, portanto, pertencia a uma elite de intelectuais instruídos na cultura helênica, como a autora demonstra. Em seguida, ao situar a Segunda Sofística, Pretzler (2007, p. 26) nos contextualiza:

Essa base comum da cultura grega, *paideia*, informa a maior parte da literatura do período de Nero ao fim da dinastia dos Severos, o qual hoje é classificado como a Segunda Sofística, classificação tirada da *Vida dos Sofistas*, de Filóstrato.

Com isso, veremos a dinâmica envolvendo os intelectuais da Segunda Sofística e quais as questões que podemos extrair das relações entre o nosso periegeta e esses sofistas. De acordo com Maria Pretzler (2007, p. 26),

⁵ Ver também Silva (2024a, p. 3-4).

⁶ Para um panorama da Segunda Sofística, indo ao encontro de Pretzler, ver Arafat (1996, p. 14).

Nossa impressão das atividades culturais do período é dominada pelos "sofistas", intelectuais profissionais altamente pagos que usavam sua *paideia* para impressionar como oradores públicos e professores de retórica. Esses indivíduos de grande importância eram excepcionais, mas muitos de seus contemporâneos compartilhavam seus interesses e ideais.

Não há registros que atestam Pausânias como orador, muito menos se a *Descrição da Grécia* foi utilizada como performática de retórica para o público, acostumado com as apresentações desses sofistas. O que nos resta é fazer um panorama das características desses intelectuais profissionais.

Podemos elencar as considerações de Pretzler (2007, p. 26) em seis quesitos principais: 1) Textos do período transmitem uma sensação de contínua competição entre os indivíduos, focalizando e conduzindo a *paideia*; 2) A marca registrada da distinção educacional era a proficiência em grego ático, uma linguagem artificial baseada no idioma literário dos textos clássicos e muito distante da linguagem coloquial da época; 3) Os homens instruídos se preocupavam muito com os detalhes sutis que caracterizavam a linguagem apropriada e com as armadilhas que poderiam causar constrangimento; 4) Um *pepaideumenos* também tinha que ser capaz de provar suas credenciais, demonstrando seu conhecimento íntimo da literatura, se possível muito além dos cânones educacionais; 5) Um conhecimento enciclopédico de fatos de vários campos do aprendizado antigo também era útil para impressionar os indivíduos; 6) Havia todo um gênero de *variae historiae* (consultas variadas) que coletava material de textos anteriores, particularmente livros que não estavam facilmente disponíveis, e o organizava de uma maneira atrativa (Pretzler, 2007, p. 27).

Com isso, Pretzler (2007, p. 26-27) relaciona tais requisitos dos sofistas a Pausânias, dos quais podemos elencar nove pontos: 1) A linguagem e o estilo de Pausânias há muito são criticados como inferior aos altos padrões usuais dos autores da Segunda Sofística; 2) Pausânias devia estar ciente dos debates em curso sobre a forma correta da língua e do estilo grego; 3) A prosa do autor é muito artificial e consistente para ser o resultado de mera incompetência; 4) Como seus contemporâneos, ele escolheu deliberadamente um estilo baseado na imitação de autores anteriores, combinado de forma criativa para apresentar algo novo; 5) O resultado é idiossincrático e bastante diferente de outros textos da Segunda Sofística, com ênfase em uma variedade de expressões e materiais, enquanto as marcas artificiais do grego ático são reduzidas ao mínimo; 6) Pausânias estava consciente desse ambiente competitivo para qualquer tipo de atividade intelectual; 7) Pausânias fala como um *pepaideumenos* que não é apenas um mero consumidor de saber: ele afirma ter feito pesquisas em áreas que eram centrais para o cânone literário;

8) O autor decide não entrar em um campo tão concorrido, mas não sem afirmar sua habilidade intelectual; 9) Em relação ao público interessado na *Descrição da Grécia* e nas *Variae historiae*, “[...] os comentários adicionais na Periegesis provavelmente seriam atraentes para leitores “sofisticados” que queriam expandir seus horizontes educacionais e para quem o conhecimento era uma forma de entretenimento” (Pretzler, 2007, p. 27).

A partir desse panorama entre as principais características da Segunda Sofística relacionadas a Pausânias, há necessidade de um aprofundamento sobre o contexto e o movimento que compreende essa *paideia*. Ainda conforme Maria Pretzler (2007, p. 27-28), é dito que “o mundo de Pausânias e da Segunda Sofística foi moldado pelos romanos, embora romanos com um interesse crescente pela cultura grega”.

A obra de Christian Habicht, intitulada *Pausanias’ Guide to Ancient Greece*, de 1998, pode ser considerada um marco de referência e retorno aos estudos sobre a *Descrição da Grécia*, com a valorização de uma abordagem historiográfica crítica (Silva, 2024b, p. 4). O autor defende o panorama intelectual da Segunda Sofística como “talvez o mais pobre da Antiguidade entre o período arcaico e a queda do Império Romano. Foi o apogeu da atividade intelectual superficial” (Habicht, 1998, p. 126). Contudo, a abordagem de Habicht em relação à Segunda Sofística é a que podemos classificar como detratora. Em sua avaliação, o autor aponta a pobreza tanto literária quanto artística e intelectual como fatores predominantes das obras do período (Habicht, 1998, p. 126). O autor parece ter caído em uma visão historiográfica estigmatizada a respeito do período de Pausânias, de acordo com o que discutimos anteriormente. Ao focar nas questões envolvendo a importância da retórica e da *performance* nas apresentações sofísticas, Habicht (1998, p. 126) afirma:

Ideias novas e originais não eram apreciadas, nem o caminho penetrante da busca pela verdade, nem a poética da paixão ou a piedade. A era aplaudia a forma, não o conteúdo; venerava o brilhantismo técnico da expressão oral,⁷ não as ideias expressadas; valorizava o entretenimento da literatura, não exigia literatura. Era um período complacente, autossatisfeito, uma era da retórica, de temas sem importância entregues a uma audiência que queria discursos extemporâneos de um ático impecável e que graduavam os discursos pelo número de erros.

Como veremos mais detalhadamente a partir de agora, a ênfase e a valorização da retórica e das apresentações eram, efetivamente, o foco dos sofistas e de suas audiências, de acordo com as fontes que sobreviveram até nós. Porém, Habicht (1998) parece estar fazendo justamente uma avaliação pejorativa do *modus operandi* do período. Posicionando-a como uma época possuidora, majoritariamente, de um conteúdo vazio

⁷ Interessante aqui Habicht citar U. von Wilamowitz, um dos primeiros detratores de Pausânias do século XIX.

e de pouco valor, ao nosso ver, ele está fazendo, por exemplo, uma comparação com o período clássico, de modo similar à caracterização de Pausânias feita pela historiografia que o próprio autor ajudou a desmistificar e a romper com o estigma. No que tange à Segunda Sofística, o autor não conseguiu se desvencilhar.

Ainda segundo Habicht (1998, p. 128), “os verdadeiros representantes da cultura, gosto, e vida intelectual do período eram os sofistas, a maioria gregos, como Polemon de Laodiceia e Élio Aristides, da Ásia menor, Herodes Ático, de Atenas, ou, do lado latino, o nascido na África, Cornélio Frontão”. Importante ressaltar a mais provável origem de Pausânias – Lícia, mesma região de outros importantes intelectuais do período, como Polemon e Élio Aristides.

Novamente expondo as características depreciativas dos sofistas, Habicht (1998) menciona a obra *Vidas dos sofistas*, de Filóstrato, e, logo em seguida, o que parece ser uma espécie de contraponto, considerando o impacto dos sofistas no período, menciona a obra de G. W. Bowersock, intitulada *Greek sophists in the Roman Empire*, de 1969. De acordo com Habicht (1998, p. 128):

Onde quer que eles discursassem (ou, preferencialmente, performassem), eles atraíam grandes multidões e arrecadavam enormes quantias. Eles eram não originais, figuras medíocres, rasas, arrogantes, e cheias de vaidade, mas eles exerciam influência sobre o imperador e mal o reconheciam como seu semelhante; ao mais aclamado eram garantidas audiências ou perguntado a conceder palestras em sua presença; alguns eram oficiais de alta patente na administração imperial.

Em que pese o fato de exercerem influência sobre o imperador, logo suas redes de influência não paravam por aí. Habicht (1998, p. 128) enfatiza os privilégios desse grupo de elite como

[...] a liberdade sobre impostos, alfândegas e alojamentos; em suas cidades natais, eles não podiam ser forçados a ocuparem liturgias ou servir como oficiais eleitos, jurados ou tutores de menores. Cadeiras de retórica foram dotadas pelo imperador em Atenas e Roma para os sofistas mais famosos. Suas estátuas foram colocadas nos recintos mais prestigiosos.

O autor nos dá alguns exemplos da influência que estes sofistas poderiam obter, como “Élio Aristides que entregou seu panegírico de Roma perante o imperador em 143 d.C.”, e os elevados cargos de Herodes Ático como *consul ordinarius* e Cornélio Frontão como *consul suffectus* (Habicht, 1998, p. 128).

Em face do prestígio e importância desses sofistas e a ênfase na retórica, podemos presenciar tal destaque no relato de Pausânias, em uma passagem do Livro V. Entre inúmeras estátuas e monumentos dedicados em Olímpia, ele próprio direciona e seleciona aquilo que irá descrever, explicando ao seu público que

A partir deste ponto, *meu relato* prosseguirá para uma descrição das estátuas e oferendas votivas, e acho que seria errado confundir os relatos deles. Pois enquanto na acrópole ateniense as estátuas são oferendas votivas como tudo mais, em Altis algumas coisas são dedicadas apenas em honra aos deuses, e as estátuas são apenas parte dos prêmios concedidos aos vencedores. As estátuas mencionarei mais tarde; Voltarei primeiro para as ofertas votivas, e *examinarei as mais notáveis delas* (Paus., *Descr.*, V, 21, 1, grifo nosso).

Vimos como Pausânias se preocupa em organizar sua descrição a partir de uma sequência lógica e classificatória, o *lógos*, em meio à grande quantidade de monumentos existentes em Olímpia. Ao afirmar que examinará apenas os mais notáveis entre eles, demonstra nitidamente aquilo que, segundo ele, valerá o registro de seu relato. Dito de outro modo, o que valerá o registro de memória. Em meio a esta espécie de “museu” a céu aberto que era a cidade de Olímpia em seu tempo, seguindo na descrição de alguns monumentos, conta que

Misturadas às oferendas menos ilustres, podemos ver as estátuas de Alexínico de Élis, a obra de Cântaro de Sicião, que obteve uma vitória na luta corpo-a-corpo dos rapazes, e de Górgias de Leontini. Esta estátua foi dedicada em Olímpia por Eumolpus, como ele mesmo diz, neto de Deicrates que se casou com a irmã de Górgias. Esse Górgias era filho de Carmantides e é dito que foi o primeiro a reviver o estudo da retórica, que havia sido totalmente negligenciado, na verdade quase esquecido pela humanidade. Dizem que Górgias ganhou grande fama por sua eloquência na assembleia olímpica e também quando acompanhou Tísias em uma embaixada em Atenas. No entanto, Tísias aperfeiçoou a arte da retórica, em particular ele escreveu o discurso mais persuasivo de sua época para apoiar a reivindicação de uma propriedade de uma mulher de Siracusa. No entanto, Górgias superou sua fama em Atenas; na verdade, Jasão, o tirano da Tessália, colocou-o antes de Polícrates, que era uma luz brilhante da escola ateniense. Górgias, dizem, viveu cento e cinco anos [...] (Paus., *Descr.*, VI, 17, 7-9).

Habicht (1998) enfatiza o que é uma espécie de caráter empobrecido das práticas sofisticas do período, reiterando o que considera ser uma similitude dos tópicos discursados pelos sofistas, bem como o “empréstimo do passado, preferencialmente o passado distante do século V a.C.” (Habicht, 1998, p. 126).

Veremos, com isso, um aprofundamento da temática envolvendo os retóricos inseridos na Segunda Sofística a partir de uma abordagem que vai tanto ao embate de Habicht quanto ao encontro da ênfase dada a eles por Pausânias.⁸

Graham Anderson (1993), por exemplo, em sua obra *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*, discute as características desse movimento em meio ao domínio romano. De acordo com o autor,

⁸Para um balanço bibliográfico sobre a Segunda Sofística, ver: Sandbach (1936), Higgins (1945), Gerth (1956), Groningen (1965), Guthrie (1971), Stanton (1973), Bowersock (1969; 1974), Kennedy (1972; 1974), De Lacy (1974), Crawford (1978), Desideri (1978), Reardon (1984), André (1987), Percy (1993), Russel (1990), Brunt (1994), Staden (1997), Rutherford (1998), Gunderson (2000), Braund; Wilkins (2000), Goldhill (2001), Bowie (1970; 1990; 2002), Puech (2002), Connolly (2001) e Whitmarsh (2001; 2004).

Roma permitiu uma autogovernança limitada a uma série de categorias de cidade para administrar seus negócios fora da jurisdição do governador em torno da província, e o resultado foi um *ethos* em que gregos instruídos poderiam procurar promover pelo menos uma ilusão de glórias passadas dos séculos V e IV a.C. (Anderson, 1993, p. 3).

Anderson vai além da descrição e discussão das ligas como apenas o produto ou o reflexo da conquista romana na região. Logo de início, o autor ilustra a gênese do panorama cultural da Segunda Sofística diretamente conectado à política romana exercida sobre a Grécia. Nesse período, "[...] encontramos nada menos que três visitas de Adriano no início do século II, duas delas como imperador; encontramos a fundação de Adriano do chamado Panhellenion, com seu sentido de uma liga grega e, portanto, de uma identidade grega [...]" (Anderson, 1993, p. 3). Com base em uma perspectiva cultural, Anderson aponta (1993, p. 3) o caráter propício da política romana em relação à Grécia, capaz de desenvolver uma espécie de identidade grega, a partir da organização política das cidades em forma de ligas.

Vimos acima que o termo Segunda Sofística foi cunhado por Filóstrato,⁹ de acordo com o exposto tanto por Pretzler (2007) quanto por Habicht (1998). Anderson corrobora tal menção em um tom mais crítico à caracterização do autor clássico:

Mas ele deu uma identidade, talvez arbitrária ou mesmo espúria, a algo que floresceu, principalmente no mundo grego, no início do Império Romano [...]. O próprio termo "segunda sofística" implica uma "primeira sofística" de antemão, e alguma possível semelhança entre as duas. A ideia de uma "Primeira Sofística" teria evocado a agitação intelectual da própria Idade de Ouro de Atenas no final do século V a.C. (Anderson, 1993, p. 13).

O autor salienta a associação dos intelectuais do fim do século I ao início do III, feita por Filóstrato, "[...] com proficiência e ensino de retórica e 'sabedoria' em geral em uma época de ouro que já passou" (Anderson, 1993, p. 13-14). Anderson (1993) alude a uma passagem de Filóstrato à qual defendemos ir ao encontro daquela narrada acima por Pausânias (Paus., *Descr.*, VI, 17, 7-9) a respeito de um sofista em particular: Górgias. Peguemos, portanto, o interessante trecho de Filóstrato citado por Anderson:

Górgias de Leontini foi o fundador da mais antiga [sofística] na Tessália [...]. Em minha opinião, ele começou a arte do discurso improvisado. Por fazer sua aparição no teatro de Atenas, este homem teve a confiança de dizer [ao público] 'Você propõe um tema', e ele foi o primeiro a assumir esse risco com um anúncio público, praticamente proclamando que era onisciente e estava disposto a falar sobre qualquer assunto, contando com a inspiração do momento [...] e quando já estava no limiar da velhice, fazia discursos em Atenas; não é de admirar que ele despertou a admiração do multidão. Além disso, na minha opinião, os

⁹ Sofista ateniense (c. 170-250 d.C.).

homens mais ilustres foram cativados por ele, e isso inclui não só a dupla Crítias e Alcibiades, que ainda eram jovens na época, mas Tucídides e Péricles também, que já estavam em idade avançada [...]. Além disso, ele desempenhou um papel proeminente nas festas religiosas dos Gregos, declamando sua Oração à Pítia, do altar; e em reconhecimento, uma estátua de ouro dele foi erguida no templo do deus Pítio; enquanto sua Oração Olímpica lidou com um dos mais importantes temas políticos. Pois quando ele viu que a Grécia estava dividida em facções, ele emergiu como o proponente da harmonia cívica e os virou contra os bárbaros e persuadiu eles a não pensarem nas cidades uns dos outros como prêmios de guerra, mas em vez disso, a terra dos bárbaros (Filóstrato, *Vitae Sophistarum*, I, 481, 492, 493).

Vimos tanto em Pausânias quanto em Filóstrato o *ethos* da Segunda Sofística, conforme Anderson (1993) expõe com precisão. A importância de Górgias para esses “herdeiros” dos intelectuais do período clássico é aquela de um dos fundadores da retórica, a arte intelectual mais valorizada nesse período.

Além da retórica, podemos perceber a temática da rivalidade grega e a necessidade de união para o enfrentamento de um inimigo externo: os persas. Em suma, há uma característica comum a esses autores da chamada Segunda Sofística, no sentido da evocação de uma memória, não deixando de ser artificial, que cria uma conexão com o presente (II), mediante o que o autor identifica como identidade grega (Anderson, 1993, p. 14).

Anderson (1993) nos revela um panorama bastante detalhado da prática sofística grega durante o Império Romano. Segundo o autor, as suas atividades não se restringiam apenas à retórica:

Esperava-se que um sofista grego durante o Império, em geral, desempenhasse as duas funções, exibindo habilidade retórica e ensinando alunos avançados. Mas nenhum dos termos ‘sofista’ ou ‘mestre’ realmente especificam o campo de especialização: a palavra ‘sofista’ ainda poderia ser aplicada, por mais confusa ou enganosa que fosse, em outros campos, como filosofia ou medicina, e ainda poderia ser explorada por qualquer intérprete retórico que desejasse empregar o conhecimento de tais campos (Anderson, 1993, p. 16).

Com isso, vemos a abrangência do termo sofista, bem como sua imprecisão, apesar de estarem majoritariamente relacionados às práticas da retórica, como pudemos presenciar em Pausânias e Filóstrato (Anderson, 1993, p. 16). Anderson (1993) discute ainda os tipos de práticas retóricas, com ênfase para a retórica epidítica (*retorikês epideiktikón*) como a mais praticada. Trata-se do terceiro tipo de retórica demonstrada por Aristóteles (*Rhetorica*, 1, 3):

[...] Portanto, existem necessariamente três tipos de discursos retóricos: deliberativos, forenses e epidíticos. [...] O tipo epidítico tem como tema elogios ou censuras. Além disso, para cada um deles, uma temporalidade especial é apropriada: [...] Para o epidítico, o mais apropriado é o presente, pois é a condição

existente de coisas que todos aqueles que elogiam ou culpam tem em vista. Não é incomum, no entanto, para os oradores epidíticos se aproveitarem de outras temporalidades, do passado, por meio de recordá-lo, ou do futuro por antecipá-lo. Cada um dos três tipos têm um fim especial diferente. [...] O fim de quem elogia ou censura é o honrado e o vergonhoso; e também se referem a todas as outras considerações.

Anderson (1993, p. 16) a classifica como “decorativa ou exibição retórica para entretenimento do público, diferente da praticada nos tribunais [...] ou na tentativa de persuadir assembleias públicas”. Nisso, “sofistas tendem a dirigir escolas de retórica – ou pelo menos as de maior prestígio – e exibir sua retórica escolar em público, enquanto ‘meros’ retóricos praticam nos tribunais” (Anderson, 1993, p. 16).

Anderson (1993, p. 24) cita Bowersock como um autor de referência a respeito da importância da nossa perspectiva sobre o fenômeno sofístico, a partir de seu texto intitulado *Cities of the Sophists*. Para Anderson (1993, p. 24), “[...] estamos acostumados a ver nossos sujeitos como uma espécie de aristocrata urbano, um ornamento característico de uma instituição característica do império, como moradores e eruditos culturais próprios ou de uma cidade adotiva”.

Anderson (1993, p. 25) nota ainda uma outra característica dos sofistas, a de mediadores de conflitos, por “[...] sua capacidade de envolvimento intenso nos assuntos de suas regiões nativas ou adotadas”. No mais, outra temática frequente nos escritos destes autores é a dos atritos entre os sofistas e o oficialismo local, como, por exemplo, entre Polemon de Laodiceia e Herodes Ático. Com isso, Anderson (1993, p. 25-27) defende que, por serem membros da aristocracia, os sofistas poderiam optar por terem ou não envolvimento cívico.

Investigando a performance sofística a partir de autores como Élio Aristides, Frontão e Filóstrato,¹⁰ Anderson (1993, p. 69-70, grifo nosso) aponta o seu cerne, que ele defende acertadamente ser a

[...] preservação de um *todo cultural*: o mundo da Grécia clássica recriado por meio de sua literatura. [...] O que está claro é que esses escritores se viam em estreita relação com seus ancestrais clássicos. E a crítica clássica, tal como foi, permitia e esperava que os escritores respeitassem o quadro de referência de um passado clássico.

Aqui temos duas características importantes: noção ou imaginário desses sofistas, que percebiam a si mesmos em uma relação próxima aos seus antepassados clássicos e um respeito às referências desse passado clássico, uma possível imagem de herança para

¹⁰ Anderson (1993, p. 69-70) toma como base para tal análise Élio Aristides (*Or.* 50, 5); Frontão (*Epistulae*, 8) e Filóstrato (*Vit. soph.*, 518; 539).

com esse passado por meio de um “legado”, o que seria efetuado mediante a evocação da memória e da tradição cultural grega.

Podemos presenciar em Pausânias o que consideramos ser a preservação desse *todo cultural*, que descreve o cerne dessa atmosfera da Segunda Sofística, por meio do qual nosso periegeta vai ao encontro. Em uma passagem do Livro IX da *Descrição da Grécia*, Pausânias faz a seguinte digressão ao descrever uma antiga imagem de Eros, o deus mais venerado dos téspios:

A maioria dos homens considera Eros o mais jovem dos deuses e filho de Afrodite. Mas Oleno, o lício, que compôs os mais antigos hinos gregos, diz em um hino a Ilítia que ela era a mãe de Eros. Depois de Oleno, tanto Panfos quanto Orfeu escreveram versos hexâmetros e compuseram poemas sobre Eros, para que pudessem estar entre os cantados pelos Licomidae para acompanhar o ritual. Eu os li após uma conversa com um Portador da Tocha. Não farei mais nenhuma menção sobre essas coisas. Hesíodo, ou aquele que escreveu a Teogonia originária em Hesíodo, escreve, eu sei, que Caos nasceu primeiro, e depois do Caos, Geia, Tártaro e Eros. Safo de Lesbos escreveu muitos poemas sobre Eros, mas eles não são consistentes. Mais tarde, Lisipo fez um Eros de bronze para os téspios e, anteriormente, Praxíteles, um de mármore pentélico. A história de Friné e o truque que ela pregou em Praxíteles, contei em outro lugar.¹¹ O primeiro a remover a imagem de Eros, dizem, foi Gaio, o imperador romano; Cláudio, dizem, mandou-o de volta para Téspia, mas Nero o levou pela segunda vez (Paus., *Descr.*, IX, 27, 2-3).

A passagem demonstra nitidamente, a nosso ver, a questão do *todo cultural* mencionada acima. Pausânias evoca o mundo da Grécia clássica por intermédio do quadro de referência de um passado clássico pelos escritores que ele traz à tona, tanto na literatura como também na escultura, como Oleno, Panfos, Orfeu, Hesíodo, Safo, Lisipo e Praxíteles. Além disso, não deixa de fazer uma provável crítica aos imperadores Gaio e Nero, com postura oposta a Cláudio em relação aos monumentos gregos. Lembremos que Pausânias inicia sua digressão mencionando o culto a Eros como o mais importante da Téspia. Desse modo, nosso periegeta parece colocar Cláudio, o imperador que restaurou a imagem votiva, em posição antagônica às de Gaio e Nero, que a levaram da Téspia.

¹¹ Trata-se do seguinte episódio: Pausânias se depara com uma estátua de bronze de um Sátiro atribuída a Praxíteles, em meio às inúmeras estátuas nessa estrada chamada de Trípole, saindo do Pritaneu, em Atenas. Praxíteles aceita presentear Friné com uma estátua, mas esta quer saber qual o escultor considera a mais bonita, a qual ele não revela a Friné. Então, ela arma um truque para descobrir por qual estátua Praxíteles tem maior apreço. Um escravo de Friné corre para avisar que o estúdio de Praxíteles pegou fogo, destruindo grande número de estátuas, mas não todas. Ao adentrar o estúdio, Praxíteles começa a gritar que seu trabalho realmente estará desperdiçado se o fogo alcançou seu Sátiro e sua estátua de Eros. Então, Friné revela que Praxíteles não sofrera perda, mas sim caiu em sua armadilha para revelar quais eram suas obras mais bonitas. Friné escolhe a estátua de Eros, enquanto o Sátiro está no templo de Dioniso (Paus., *Descr.*, I, 20, 1-2).

Notemos ainda como o autor Tim Whitmarsh (2005), em sua obra *The Second Sophistic*, vai ao encontro de Anderson (1993), tanto acerca da performance sofística no período quanto de sua audiência, em oposição à detração de Habicht (1998) supramencionada. A respeito da audiência, Whitmarsh (2005, p. 3) exprime:

A audiência nos eventos antigos não estava exercendo seus direitos consumistas sobre seu tempo de lazer ou “testemunhando” o poder do divino; eles estavam se reunindo como membros da elite educada, desfilando e exercendo seu *status*, examinando seus iguais enquanto suas reputações eram feitas e destruídas, e testando o papel da masculinidade grega tradicional dentro do ambiente exigente da cultura aristocrática imperial.

De modo igualmente crítico, Whitmarsh (2005, p. 24) alude à performance, a qual “[...] não é simplesmente secundária à palavra, mas um meio crucial de comunicar a identidade do falante; e, mais ainda, um fórum que permitisse ao público desafiar e esvaziar pretensões. O desempenho era, em um sentido muito real, o material da missão sofística”.

Importante ainda que façamos mais uma ressalva do panorama exposto por Habicht (1998) a respeito da Segunda Sofística: a retórica não era o único alicerce da *paideia* no Alto Império Romano. De acordo com Anderson (1993, p. 133), ela coexistiu na vida intelectual junto com a filosofia:

Os estoicos e epicuristas há muito haviam se juntado às fileiras dos sucessores de Platão e Aristóteles (Acadêmicos e Peripatéticos), e os cínicos decididamente os menos sociais. Um renascimento em dois extremos também foi aparente: o Neopitagorismo e o Ceticismo pirrônico experimentaram um surto, e o próprio sucesso do último em minar a base racional das escolas dogmáticas favoreceu o eventual colapso do racionalismo em favor do misticismo. E qualquer que fosse a profusão de doutrinas (e a suspeita e aversão que elas engendraram), havia espaço para uma vida filosófica saudável: estoicos, epicuristas e cínicos podiam alegar buscar uma vida de acordo com a natureza, mas interpretavam seu objetivo de maneiras radicalmente diferentes, de modo que os estoicos passaram a ser caricaturados como os paradigmas pedantes de correção social, os epicuristas como os caçadores de prazer e os cínicos como os radicais grosseiros. Era tarefa dos retóricos em todos os níveis serem capazes de se opor aos filósofos de uma maneira intelectualmente respeitável.

O que frisamos é o panorama filosófico existente nos dois primeiros séculos da nossa era, para além das performances de retórica. Sobre tais doutrinas, Anderson as expõe concluindo com o que parecia ser uma espécie de rivalidade sadia entre os retóricos e os filósofos. Desse modo, nota-se, para além de um período de pobreza intelectual e recusa às ideias novas (Habicht, 1998, p. 126), um efervescente panorama intelectual, no qual há o diálogo entre a retórica e a filosofia.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos analisar a obra *Descrição da Grécia*, de Pausânias (séc. II), contextualizando-a com a Segunda Sofística e com o domínio romano sobre a Grécia. Defendemos que Pausânias, ao descrever monumentos, rituais e história grega, resgata um passado idealizado, movimento que pode ser lido por meio dos conceitos de memória cultural, tal como exposto por Bommas (2011), e o de identidade cultural, discutido por Alcock (1996). Além disso, defendemos que Pausânias, versado na *paideia* e associado ao arcaísmo típico daquela época, valorizava a retórica, a erudição clássica e a competição intelectual. Destaca-se ainda que a obra, enquadrada no gênero *periēgēsis*, é vista como uma resposta à provincianização grega, pós 146 a.C., evidenciando tensões entre a memória cultural grega e a realidade imperial romana. Autores como Porter (2001) e Pretzler (2007) destacam o caráter performático e informativo da narrativa, ao passo que Habicht (1998) critica a superficialidade intelectual da Segunda Sofística, contrastando com análises de Anderson (1993) e Whitmarsh (2005), que enfatizam sua função na construção de uma identidade grega sob Roma. O texto explora ainda a relação de Pausânias com sofistas como Polemon e Élio Aristides, ilustrando como sua seleção de monumentos e digressões refletem tanto a nostalgia pelo passado glorioso quanto a adaptação a um contexto político-cultural híbrido, no qual a retórica e a erudição serviam tanto ao entretenimento quanto à afirmação da identidade grega, em um período de efervescente panorama intelectual.

Referências

Documentação textual

- AELIUS ARISTIDES. *The complete works*. Translated by Charles A. Behr. Leiden: Brill, 1981.
- ARISTOTLE. *Ars Rhetorica*. Edited by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1959.
- FILÓSTRATO. *Vidas de los sofistas*. Introducción, traducción y notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Gredos, 1999.
- FRONTO. *Epistolario*. Traducción de A. Palacios. Madrid: Gredos, 1992.
- PAUSANIAS. *Description of Greece: books 1-2*. Translated by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. Cambridge: Harvard University Press, 1918. v. I.
- PAUSANIAS. *Description of Greece: books 3-5*. Translated by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. Cambridge: Harvard University Press, 1926. v. II.

- PAUSANIAS. *Description of Greece*: books 6-8. Translated by W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1933. v. III.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*: books 8-10. Translated by W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1935. v. IV.
- PAUSANIAS. *Pausaniae Graeciae Descriptio*. Leipzig: Teubner, 1903.

Obras de apoio

- ALCOCK, S. E. Landscapes of memory and the authority of Pausanias. In: BINGEN, J. (ed.). *Pausanias Historien*. Genève: Fondation Hardt, 1996, p. 241-268.
- ANDERSON, G. *The Second Sophistic*: a cultural phenomenon in the Roman Empire. London: Routledge, 1993.
- ANDRÉ, J.-M. Les écoles philosophiques aux deux premiers siècles de l'Empire. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Band II, 32.1, p. 5-77, 1987.
- ARAFAT, K. W. *Pausanias' Greece*: ancient artists and Roman rulers. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BOMMAS, M. *Cultural memory and identity in Ancient Societies*. London: Continuum, 2011.
- BOWERSOCK, G. W. *Approaches to the Second Sophistic*. State College: University Park Press, 1974.
- BOWERSOCK, G. W. *Greek sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- BOWIE, E. L. Greek poetry in the Antonine Age. In: RUSSELL, D. A. (ed.). *Antonine Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 53-90.
- BOWIE, E. L. Greeks and their past in the Second Sophistic. *Past and Present Society*, v. 46, p. 3-41, 1970.
- BOWIE, E. L. Inspiration and aspiration: date, genre, and readership. In: ALCOCK, S. E.; CHERRY, J. F.; ELSNER, J. (ed.). *Pausanias: travel and memory in Roman Greece*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 21-32.
- Bowie, E. L. Literary activity in Achaëa. In: STADLER, P. A.; VAN DER STOCKT, L. (ed.). *Sage and Emperor: Plutarch, Greek intellectuals, and Roman power in the time of Trajan*. Leuven: Leuven University Press, 2002, p. 41-56.
- BRAUND, D. C.; WILKINS, J. M. *Athenaeus and his world*: reading Greek culture in the Roman Empire. Exeter: University of Exeter Press, 2000.
- BRUNT, P. A. The bubble of the Second Sophistic. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, v. 39, 1994, p. 25-52.
- CASEY, E. S. *Remembering*: a phenomenological study. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

- CHERRY, J. F. Travel, nostalgia, and Pausanias's giant. In: ALCOCK, S. E.; CHERRY, J. F.; ELSNER, J. (ed.). *Pausanias: travel and memory in Roman Greece*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 247–255.
- COLEMAN, J. *Ancient and Medieval memories: studies in the reconstruction of the past*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CONNERTON, P. Cultural Memory. In: TILLEY, C. et al. (ed.). *Handbook of Material Culture*. London: Sage, 2006.
- CONNERTON, P. *How societies remember*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CONNOLLY, J. Reclaiming the theatrical in the Second Sophistic. *Helios*, v. 28, p. 75–96, 2001.
- CRAWFORD, M. H. Greek intellectuals and the Roman aristocracy in the First Century BC. In: GARNSEY, P. D.; WHITTAKER, C. R. (ed.). *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 193–207.
- CUBITT, G. *History and memory*. Manchester: Manchester University Press, 2007.
- DE LACY, P. Plato and the intellectual life of the Second Century AD. In: BOWERSOCK, G. W. (ed.). *Approaches to the Second Sophistic*. State College: University Park Press, 1974, p. 4–10.
- DESIDERI, P. *Dione di Prusa: un intellettuale greco nell'Impero Romano*. Firenze: D'Anna, 1978.
- ELSNER, J. Pausanias: a Greek pilgrim in the Roman World. *Past and Present*, v. 135, n. 1, p. 3–29, 1992.
- ELSNER, J. Structuring "Greece": Pausanias's periegesis as a literary construct. In: ALCOCK, S. E.; CHERRY, J. F.; ELSNER, J. (ed.). *Pausanias: travel and memory in Roman Greece*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 3–20.
- FRANCISCO, G. S. Pausânias Historiador? In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. O. (org.). *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 281–293.
- GERTH, K. Die zweite oder neue Sophistik. In: PAULY, A.; WISSOWA, G. (ed.). *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1956, p. 719–782. v. VIII.
- GOLDHILL, S. D. *Being Greek under Rome: The Second Sophistic, cultural conflict and the development of the Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- GRONINGEN, B. A. General literary tendencies in the Second Century AD. *Mnemosyne*, v. 18, p. 41–56, 1965.
- GUNDERSON, E. *Staging masculinity: the rhetoric of performance in the Roman World*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.
- GUTHRIE, W. K. C. *The sophists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.